

THE HELEN MORGAN STORY/ 1957

O Pecado de Ter Nascido

Um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz/ **Argumento:** Nelson Gidding, Stephen Longstreet, Dean Riesner/
Fotografia: Ted McCord/ **Direção Artística:** John Beckman/ **Montagem:** Frank Bracht/
Direção Musical: Ray Heindorf/ **Intérpretes:** Ann Blyth (Helen Morgan), Paul Newman (Larry Maddux), Richard Carlson (Russell Wade), Gene Evans (Whitey Krause), Alan King (Benny Weaver), Cara Williams (Dolly Evans), Virginia Vincent (Sue), Walter Woolf King (Florenz Ziegfeld), Dorothy Green (Mrs. Wade), Edward Platt (Johnny Haggerty), Warren Douglas (Mark Hellinger), Sammy White (Sammy White), Peggy de Castro (cantora), Cherie de Castro (cantora), Babette de Castro (cantora), Jimmy McHugh (o próprio), Rudy Vallee (o próprio), Walter Winchell (o próprio), etc.

Produção: Martin Rackin, para a Warner Bros/ **Cópia:** 35mm, preto e branco, versão original legendada eletronicamente em português/ **Duração:** 119 minutos/ **Estreia Mundial:** New York, 2 de Outubro de 1957/ **Estreia em Portugal:** cinemas S. Luís e Alvalade, 26 de Março de 1958

The Helen Morgan Story é um filme peculiar na carreira de Michael Curtiz, especialmente por duas características: uma tem a ver com o estilo e a outra com o estúdio para que trabalha. Neste último caso recorde-se que após uma carreira na Warner Bros. de quase três décadas (de 1926 a 1953, entre **The Third Degree/O Circo da Morte** e **The Boy From Oklahoma/Um Desconhecido na Cidade**, no total de, salvo erro, 86 filmes, a que se acrescentam mais de meia dúzia de trabalhos de “film doctor” apesar de não creditado nos genéricos), Michael Curtiz abandonou o estúdio, mais devido às mudanças do sistema de produção do que por vontade própria, passando a trabalhar para várias companhias durante o resto da carreira que termina em 1962 e mais 15 filmes. Andando, entre outros, pela Paramount e 20th Century Fox, **The Helen Morgan Story** está incluído entre estes últimos e representa uma visita que Curtiz faz, pela última vez, ao “seu” estúdio. Por outro lado, o filme é também um exemplo sugestivo do “biopic” (ou melhor pseudo-biopic, que caracteriza, de forma exemplar, o estilo deste “género” inspirado, de forma bastante longínqua e romanceada, na vida de uma série de personalidades, principalmente as ligadas ao mundo do espectáculo) que estava em voga naquele tempo, e nos quais algumas actrizes bem conhecidas “reviviam” a carreira e o drama de outras, anteriores uma geração e algumas ainda sobreviventes. Antes de Helen Morgan, Hollywood evocou Jane Froman, interpretada por Susan Hayward em **With a Song in My Heart/Quando o Coração Canta**, de Walter Lang (1952), Lilian Roth, também revivida por Susan Hayward, em **I’ll Cry Tomorrow/Uma Mulher no Inferno**, de Daniel Mann (1955) e Grace Moore, interpretada por Kathryn Grayson e **So This Is Love/Retrato de Mulher**, de Gordon Douglas (1953). E no que se refere ao sexo masculino recorde-se, nos mesmos anos, especialmente, os “biopics” de Eddie Cantor (**The Eddie Cantor Story/Sonhos do Passado**, de Alfred E. Green/1953), Buster Keaton (**The Buster Keaton Story/O Palhaço Que Não Ri**, de Sidney Sheldon/1957), Lon Chaney (**Man of a Thousand Faces/O Homem das Mil Caras**, de Joseph Pevney/1957), e Eddie Foy (**Seven Little Foys/Os Sete Garotos**, de Melville

Shavelson/1955). Sem esquecer Glenn Miller (**The Glenn Miller Story/A História de Glenn Miller**, de Anthony Mann/1954), Benny Goodman (**The Benny Goodman Story/A História de Benny Goodman**, de Valentine Davies/1956), Al Jolson (**The Jolson Story/Romance Imortal**, de Alfred E. Green/1946, e **Jolson Sings Again/A Eterna Canção**, de Henry Levin/1949), George Gershwin (**Rhapsody in Blue/Rapsódia Azul**, de Irving Rapper/1945) e a dupla de compositores Bert Kalmar e Harry Ruby (**Three Little Words/Três Palavrinhas**, de Richard Thorpe/1950). E um etc. para ficarmos por aqui.

Ora Michael Curtiz surge como o realizador de Hollywood mais ligado a este género, e esses filmes, de certo modo, correspondem a uma revisitação pessoal do seu passado, dos tempos em que se mudou para os Estados Unidos (1926), especialmente nos “biopics” que assina na década de 50. O primeiro data de 1942 e tem mais a ver com as preocupações políticas de então, marcado que está pelo “patriotismo” que então orientava a produção: **Yankee Doodle Dandy/Canção Triunfal**, sobre o compositor George M. Cohan. Os restantes tomam uma feição mais pessoal, como atrás nos referimos. São eles: **Night and Day/Sinfonia Dourada** (1947) sobre Cole Porter, compositor, **Young Man With a Horn/Duas Mulheres, Dois Destinos** (1949) sobre Bix Beiderbecke (sob outro nome), trompetista, **Jim Thorpe, All-American/Homem de Bronze** (1950), sobre o campeão olímpico, **I’ll See You In My Dreams/O Amor É Coisa de Dois** (1951) sobre Gus Khan, compositor, **The Story of Will Rogers** (1952), actor, e **The Helen Morgan Story**. Todos para a Warner. Ainda se podem juntar, **The Best Things in Life Are Free/A Felicidade Não se Compra** (1956) sobre os compositores Buddy De Sylva, Ray Henderson e Lew Brown, produzido pela Fox, e mesmo **The Jazz Singer/Sonhos de Artista** (1952), nova versão do filme homónimo que trouxe o som a Hollywood em 1927.

O reencontro de Curtiz com a Warner que **The Helen Morgan Story** indica, manifesta-se no estilo habitual e rápido do realizador, com a série de breves planos que apresentam a cidade e Helen Morgan, fórmula que se assemelha à de Curtiz na introdução dos seus filmes dos anos 30. Isto acaba por dar ao filme um tom “arcaico”, saído daqueles anos e que apenas o ecrã largo do scope aponta uma modernidade. Quanto aos intérpretes, o filme apresenta um curioso encontro, na medida em que anuncia um começo e uma despedida. No primeiro caso temos o nosso homenageado do dia, Paul Newman, que se impusera com o seu trabalho nos dois filmes anteriores, **Somebody Up There Likes Me/Marcado Pelo Ódio**, de Robert Wise, onde interpretara a figura de Rocky Graziano, e **The Rack/Suplício**, de Arnold Laven (esquecendo a sua estreia no desastroso **The Silver Chalice/O Cálice de Prata**, de Victor Saville, que o próprio Newman renegou). No segundo, a intérprete de Helen Morgan, Ann Blyth, que se impusera em 1945 com o seu trabalho em **Mildred Pierce/Alma em Suplício**, também de Curtiz, e que ao tempo gozava de grande popularidade dada a sua aparição em musicais como **The Great Caruso/O Grande Caruso** e **The Student Prince/O Príncipe Estudante**, de Richard Thorpe, **Rose Marie**, de Mervyn LeRoy e **Kismet/Um Estranho no Paraíso**, de Vincente Minnelli, sem esquecer a sua aparição no fabuloso filme de aventuras de Raoul Walsh, **The World in His Arms/O Mundo Nos Seus Braços**. A popular actriz abandonaria definitivamente o cinema (só apareceria, mais tarde, algumas vezes na televisão) para se dedicar ao casamento com um cirurgião. Apesar de bem conhecida de musicais, não é a voz de Ann Blyth que ouvimos em **The Helen Morgan Story**, sendo dobrada por Gogi Grant, o que valoriza fortemente a voz da estrela e a da própria Helen Morgan, que, no cinema, é conhecida pelo seu magnífico trabalho em **Show Boat/Magnólia**, de James Whale.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico